



Trans/Form/Ação

ISSN: 0101-3173

ISSN: 1980-539X

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

Seabra, Murilo Rocha

Comentário a “Por uma filosofia (da religião) Criativa”: o problema da formação filosófica a partir de uma analogia com a música

Trans/Form/Ação, vol. 46, núm. tomo 1-2, 2023, pp. 53-56

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46esp1.p53>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384275529004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

COMENTÁRIO A “POR UMA FILOSOFIA (DA RELIGIÃO) CRIATIVA”: O PROBLEMA DA FORMAÇÃO FILOSÓFICA A PARTIR DE UMA ANALOGIA COM A MÚSICA

*Murilo Rocha Seabra*¹

Referência do artigo comentado: PORTUGAL, A. C.; PORTUGAL, C. P. Por uma Filosofia (da Religião) Criativa: o Problema da Formação Filosófica a partir de uma Analogia com a Música. **Trans/Form/Ação**: Revista de filosofia da Unesp, v. 46, Número especial “Filosofia Autoral Brasileira”, p. 23- 52, 2023.

A Templeton Foundation tem injetado somas vultuosas no Brasil para fortalecer o campo da chamada “filosofia da religião” – que deveria talvez se chamar “filosofia do cristianismo” ou “filosofia da religião judaico-cristã”, não “filosofia da religião” (SEABRA, 2021, p. 132). Os investimentos deveriam no mínimo nos deixar com uma pulga atrás da orelha. Segundo Jerry Coyne, professor de biologia da Universidade de Chicago, a Templeton só quer colocar os velhos argumentos da Europa medieval em favor da existência de Deus – não de Yemanjá, não de Omama, não de Quetzalcoatl, não de Allah, não de Shiva, mas apenas da divindade judaico-cristã chamada “Deus” ou “Jeová” – sob uma roupagem que a comunidade científica moderna considere mais tragável (COYNE, 2011). O uso exuberante da estatística e da lógica formal não é mais do que uma manobra de *marketing*. Ambas servem apenas para trazer um ar de respeitabilidade a uma religião que mostrou sua verdadeira

¹ La Trobe University, Vitoria – Australia.  <https://orcid.org/0000-0003-2055-4265>. E-mail: murilorseabra@gmail.com.

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46esp1.p53>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

face na era colonial – e que recentemente tem perdido prestígio devido ao seu apoio a figuras como Bolsonaro, ao seu compromisso inveterado com o etnocídio e aos escândalos de pedofilia que ano após ano envergonham o Vaticano.

As coisas não param por aqui. A Templeton também investe em acadêmicos, organizações e *think tanks* de direita que combatem leis trabalhistas, defendem a privatização de serviços públicos (inclusive de universidades) e vociferam contra mulheres que lutam pelo direito ao aborto (EVANS, LAWRENCE, PEGG, BARR, 2019). A semelhança com o regime militar inaugurado em 1964 com a ajuda de Washington não é mera coincidência. Aliás, o fundador da Templeton já disse em entrevista que se deve comprar ações em tempos de guerra e títulos em tempos de paz (TEMPLETON, ELLIS, 1991).

Em última instância, o que a Templeton almeja é marginalizar o pensamento crítico e aumentar o abismo entre os mais pobres e os mais ricos. As duas coisas andam juntas. Do ponto de vista estritamente lógico, os argumentos a favor da privatização de serviços públicos – e de toda agenda neoliberal – são tão coerentes quanto a afirmação de que $1+2=5$ ou de que “Ele não nasceu no Brasil, logo ele é carioca”. Eles são frágeis. Eles são deploráveis. Eles são asquerosos. Deixados à própria sorte, tendem a acumular poeira e a ser triturados pelas engrenagens do tempo. Portanto, é necessário (a) construir um exército de ideólogos preparados para defendê-los com unhas e dentes, e (b) fomentar um ambiente intelectual menos crítico e menos politicamente consciente de modo a facilitar o trabalho dos *marines* do neoliberalismo.

Não é a primeira vez que uma fundação que se apresenta como puramente filantrópica usa seu poderio econômico para interferir no mundo intelectual. Washington já sabe há muito tempo que as universidades possuem uma enorme importância estratégica. Não foi por outro motivo que a Ford Foundation, trabalhando junto com a Central Intelligence Agency (CIA), distribuiu bolsas de estudo pelo mundo inteiro. Antes da derrubada de Allende em 1973, por exemplo, ambas já tinham formado uma horda de economistas chilenos convencidos de que a melhor coisa a fazer era abrir o país ao capital estrangeiro e entregá-lo de bandeja aos Estados Unidos (SEABRA, 2022a).

Um pouco de senso crítico não faz mal a ninguém. A religião pode, sim, ser estudada e discutida de maneira séria e rigorosa pela filosofia (até mesmo em sua face judaico-cristã (aliás, o fato de que ela frequentemente

contradiz o que prega a torna especialmente apetitosa)). A reflexão filosófica – a reflexão radical, responsável e corajosa – sobre a religião, porém, parece ter sido terminantemente banida da “filosofia da religião”. Ela se ocupa apenas com perguntas anódinas. As perguntas de importância capital – as perguntas verdadeiramente fundamentais – estão excluídas por princípio. Qual é o papel que o cristianismo continua a desempenhar no etnocídio (por exemplo, no etnocídio dos Yanomami que recentemente virou manchete internacional)? Por que os judeus israelenses estão tratando os palestinos como foram tratados pelos nazistas (a ideia de superioridade étnica já latejava em forma embrionária no judaísmo, antes mesmo da mutilação da Palestina e da criação de Israel)? E por que a filosofia da religião *qua* disciplina acadêmica – que deve ser nitidamente distinguida da filosofia da religião *qua* atividade intransigente de reflexão sobre os fenômenos religiosos – insiste em fechar os olhos para o cristianismo em seus aspectos mais fulgurantes e sórdidos, limitando-se a tentar provar que Jeová existe por meio de pseudoargumentos lógicos e pseudocálculos matemáticos?

Talvez a resposta não esteja fora do alcance. A Templeton Foundation não tem nenhum interesse em apoiar a filosofia no sentido estrito do termo. Ela não tem nenhum interesse em apoiar a filosofia *qua* atividade intransigente de reflexão. Por que o faria? O que ela ganharia? E já deveríamos ser maduros o suficiente para saber que, em se tratando dos Estados Unidos, nada vem de graça. Os objetivos de médio e longo prazo da Templeton não são difíceis de entrever. O que ela quer fazer é esvaziar a universidade de todo pensamento crítico e de todo pensamento não alinhado aos interesses dos psicopatas unidos do capitalismo (SEABRA, 2022b). Em uma palavra, ela quer esvaziá-la de todo pensamento. Pois o pensamento não aceita nem $1+2=5$ nem “Ele não nasceu no Brasil, logo ele é carioca”.

A menos que já esteja fraco e domesticado – e acredite que a existência de Jeová pode ser matematicamente demonstrada, por exemplo –, o pensamento não abaixa a cabeça nem para a *trickle-down theory*, nem para a ideia de que as universidades devem ser privatizadas, nem para nenhuma outra asneira neoliberal ou neocolonial. Pelo contrário, o pensamento pensa. Portanto, uma estratégia aparentemente paradoxal precisa ser tomada se quisermos avaliar de forma séria a filosofia da religião (e a mesma coisa vale para a filosofia acadêmica de maneira geral). Não podemos examinar apenas o que ela *produz*, o que ela *publica* e o que ela *fala*. Precisamos também – talvez sobretudo – examinar o que ela *não* produz, o que ela *não* publica e o que ela *não* fala.

REFERÊNCIAS

- COYNE, J. Martin Rees and the Templeton travesty. **The Guardian**, 06 abr. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/blog/2011/apr/06/prize-mug-martin-rees-templeton>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- EVANS, R.; LAWRENCE, F.; PEGG, D.; BARR, C. Wealthy US donors gave millions to righting UK groups. **The Guardian**, 29 nov. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2019/nov/29/wealthy-us-donors-gave-millions-to-rightwing-uk-groups>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- PORTUGAL, A. C; PORTUGAL, C. P. Por uma Filosofia (da Religião) Criativa: o Problema da Formação Filosófica a partir de uma Analogia com a Música. **Trans/Form/Ação: Revista de filosofia da Unesp**, v. 46, Número especial “Filosofia Autoral Brasileira”, p. 23- 52, 2023
- SEABRA, M. **Oftalmopolítica**: um problema com a visão da filosofia. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.
- SEABRA, M. Engenharia do saber: a continuação da guerra por outros meios. In: **Coluna Anpof**, 18 ago. 2022a. Disponível em: <https://www.anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/engenharia-do-saber-a-continuacao-da-guerra-por-outros-meios>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- SEABRA, M. Psicopatas Unidos do Capitalismo. **Coluna Anpof**, 14/11/2022b. Disponível em: <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/psicopatas-unidos-do-capitalismo>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- TEMPLETON, J.; ELLIS, J. Templeton: Buy stocks in war, buy bonds if there’s peace. **Money**, vol. 20, N. 2, 1991, p. 177. Disponível em: <https://discovery.ebsco.com/c/6kr4lr/viewer/html/emm7mikzj>. Acesso em: 02 jan. 2023.

Recebido: 02/03/2023

Aprovado: 10/03/2023